

NEO-MARCIONISMO:

a visão dualística do Deus mau versus o Deus bom.

Neo-Marcionism: the dualistic view of the evil God versus the good God.

Julie Castin Cordeiro¹

RESUMO

A influência da visão dicotomista de Marcião do Deus mau do Velho Testamento versus um Deus bom do Novo Testamento e consequência da rejeição do Antigo Testamento é observada nos teólogos modernos do século XIX e até os dias atuais. Vários teólogos têm negligenciado o papel do Antigo Testamento na vida da Igreja moderna, que levou a uma visão míope de quem Deus é entre os leigos dentro de nossas comunidades. A influência do pensamento de Marcião é sentida empiricamente na maioria dos cenários por cristãos confusos que não conseguem ver a continuidade entre os testamentos nem identificam o atributo de justiça de Deus em relação ao amor. Os argumentos de Marcião foram provados como antibíblicos. Além disso, a investigação do trabalho de Harnack mostrou que a rejeição do Antigo Testamento da Bíblia levará a um pensamento marcionita e, finalmente, influenciar a igreja e sua compreensão de Deus. Outras pesquisas sobre outros teólogos e seus escritos levam a um traço marcionita pela ênfase excessiva de um Deus de amor no Novo Testamento e um Deus de ódio no Velho Testamento. A solução é uma visão ortodoxa da continuidade bíblica e da Trindade, que levará a uma compreensão holística de quem é Deus e Seu caráter.

Palavras-chave: Dualismo. Marcião. Deus.

ABSTRACT

The influence of Marcion dichotomous view of an evil Old Testament God versus a New Testament loving God and the dismissal of the Old Testament as a consequence is currently observed in modern 19th-century theologians and up

¹ Mestrado pela Tyndale Theological Seminary (Amsterdã - Holanda). Atualmente está fazendo o research master (1 ano) como pré-requisito para o Doutorado pela Evangelische Theologische Faculteit (ETF) em Leuven na Bélgica. Bacharel em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná. Casada com Sandro Gabriel da Silva Cordeiro e atualmente reside em Leiden na Holanda.



until the present day. Several theologians have downplayed the role of the Old Testament in the life of the modern Church which has led to a myopic view of who God is among the lay people inside our communities. The influence of Marcion's thought is felt empirically in most scenarios by confused Christians who cannot see continuity between the testaments nor identify God's attributes of justice and righteousness in connection with love. Marcion's arguments were proven unbiblical. Also, the investigation of Harnack's work has shown that the dismissal of the Old Testament from the Bible will lead to a Marcionite thinking and ultimately influencing the church and its understanding of God. Further research on other theologians and their writings lead to a Marcionite trait by the over-emphasis of a God of love in the New Testament and hate in the Old. The solution is an orthodox view of biblical continuity and Trinity which will lead to a holistic understanding of who God is and His character.

Keywords: Dualism. Marcion. God.

INTRODUÇÃO

O objetivo da apresentação é a análise da obra de Marcião e as implicações de sua teologia para a interpretação bíblica atual.

Marcião foi um dos muitos que confrontaram os ensinamentos dos Apóstolos nos primeiros séculos da igreja. Marcião era um nativo de Sinope, que era uma cidade comercial famosa na costa grega do sul do Mar Negro. (HARNACK, 2007, p. 15) Ele era um armador rico e por volta do ano de 139 a.C., tornou-se membro da igreja em Roma. Marcião era de fato uma figura admirável por causa de seu pensamento. Ele escreveu outra versão do Novo Testamento e Velho, tornando-o uma pessoa distinta para o seu tempo. No entanto, ele foi considerado um herege e condenado pelos pais da Igreja como Tertuliano, Irineu, Justino Mártir e mais tarde por Orígenes. Suas intenções de reforma não tiveram sucesso. (HARNACK, 1997, p. 2) A crença é que até seu pai o excomungou e Marcião então seguiu para a Ásia Menor. (HARNACK, 2007, p. 17) Marcião acabou por ser excluído mais tarde da igreja de Roma por volta de 140-150 a.C. e mais tarde fundou seu grupo (Marcionitas), que se espalhou no Oriente, que é hoje a região da Armênia. (QUISPELL, 2008, p. 165-166)

Em Roma, Marcião escreveu seu Novo Testamento e as Antíteses, cujo propósito era purgar os aspectos judaicos e a influência do Antigo



Testamento do Novo Testamento.² Marcião acreditava que o Antigo Testamento era a criação de um outro Deus, diferente do Deus verdadeiro revelado em Jesus Cristo. (HARNACK, 2007, p. 17-18) O Deus do Antigo Testamento era o Deus dos judeus e não Jesus Cristo. (MOLL, 2009, p. 87) Ele igualmente desmembrou as Epístolas de Paulo, tirando tudo o que estava escrito a respeito de Deus como o Criador do universo e tudo mais que guiou as pessoas de volta ao Antigo Testamento. (IRENAEUS, 1994, p. 352) O tema de Marcião foi uma separação entre o homem e Cristo, entre criação e salvação, entre a lei e o evangelho, entre o Criador e o Pai, entre a sucessão apostólica versus Paulo e, finalmente, entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento. (PELIKAN, 1971-1989, p. 76)

Contudo, as ideias de Marcião não ficaram para trás no primeiro século da era cristã. Ela foi ressuscitada por teólogos da era moderna (por volta do século 19) com o crescimento da teologia liberal. O linguajar do Antigo Testamento começava a perder força entre os acadêmicos e a necessidade de retirá-lo do meio cristão era crucial para uma maior aceitação entre os liberais. Entre os inúmeros teólogos, um que se destaca é Adolf Harnack (1851-1930). Harnack é um dos escritores mais influentes da teologia de Marcião. Em sua obra-prima *Marcião, the Gospel of the Alien God* (Marcião, o Evangelho do Deus Estranho - tradução livre), Harnack não parece discordar da teologia dualista de Marcião. De fato, ele concorda com a ideia de rejeitar o Antigo Testamento como descrição fidedigna do caráter de Deus. A rejeição de Harnack do Antigo Testamento como um livro válido para a Bíblia cristã foi principalmente por causa de sua descrição do Deus judeu. Harnack diz:

A rejeição do Antigo Testamento no segundo século foi um erro que a grande igreja corretamente evitou; mantê-lo no século XVI era um destino do qual a Reforma ainda não era capaz de escapar; mas ainda preservá-lo no Protestantismo como um documento canônico desde o século XIX é a conseqüência de paralisação religiosa e eclesiástica. (HARNACK, 2007, p. 134)

² Discutirei mais sobre este livro mais a frente.



Harnack descreve Marcião como um herói - em suas próprias palavras, um reformador; alguém que decidiu ir um passo além do cristianismo revolucionário de Paulo que se desassociou do Antigo Testamento. Marcião entendeu que Paulo estava lutando e se identificou com a convicção de Paulo de que o salvador era Jesus Cristo e Sua cruz. Harnack disse que, como reformador, Paulo teria tido Marcião como aluno, embora sua teologia tenha afastado Paulo. Harnack acreditava que Marcião continuava o que Paul começou. Paulo aboliu a validade da lei do Antigo Testamento e não exigiu isso para os cristãos gentios que foram convertidos. Marcião apenas deu um passo adiante. Harnack vê isso como uma progressão que o autor de Hebreus reconhece como uma sombra das coisas novas (Hebreus 10:1). Ele cita a epístola de Barnabé que diz que uma interpretação literal do Antigo Testamento é do diabo, e Harnack cita Inácio, opondo-se aos cristãos judeus afirmando que Jesus e Sua cruz são a validade do Evangelho e não do Antigo Testamento. (HARNACK, 2007, p. 124-126)

Harnack acredita que Marcião olhou para o cristianismo de seu tempo e viu elementos do judaísmo nele, que foi novamente tão legalista quanto o Antigo Testamento, e que Marcião tentou voltar às Escrituras. Harnack elogiou Marcião por sua energia e habilidades organizacionais que assumiram o trabalho de Paulo e "criaram um cristianismo reformado e definitivo". (HARNACK, 2007, p. 128-129) Harnack acreditava que Marcião estava motivado pelo desejo de acabar com o sincretismo religioso entre os cristãos como o primeiro e único que colocava os documentos religiosos circulando em seu tempo juntos um único documento. Harnack mais tarde objetou a ideia geral de que outros já estavam fazendo isso. (HARNACK, 2007, p. 129-130) Harnack então afirma que o cristianismo calvinista que surgiu mais tarde, tentou colocar o Antigo Testamento no mesmo nível de importância que o Novo Testamento, produzindo um efeito prejudicial sobre a dogmática, a fé e a vida cristã. Harnack até mesmo diz que em alguns grupos o uso do Antigo Testamento se tornou como um zelo islâmico, e em outros lugares uma nova forma de judaísmo com um enquadramento legalista. (HARNACK, 2007, p. 136)

Harnack rejeitava claramente a noção de um Deus vingativo que puniria pecadores. Semelhantemente Marcião via que o Deus que punia era parte do Deus do Antigo Testamento e incompatível com o Deus do Novo Testamento. Harnack não parou por aí. De acordo com seu



entendimento, a ideia que temos da ira de Deus é uma consequência de nossa natureza pecaminosa que faz projeções e infunde em nós o terror de um Deus irado que na realidade não reflete o verdadeiro Deus de amor. Portanto, a expiação de Jesus não é feita na cruz como um sacrifício substitutivo, mas sim, vivendo entre nós, comendo conosco, servindo-nos. Nosso “terror do terrível juiz se desfaz, e eles [os cristãos] acreditam que o Santo é Amor e que há algo mais poderoso que a justiça - Misericórdia”. (HARNACK, 2013, p. 123) A pergunta então gira em torno do porquê Cristo morreu? Na mente de Harnack, Jesus Cristo morreu pelo propósito final de seu serviço à humanidade de demonstrar o Pai Amoroso no qual a misericórdia triunfa sobre a justiça. Jesus queria convencer os homens de que Seu Pai é misericordioso e amoroso. E crendo nisso, eles estão reconciliados com Deus através de Jesus.

Embora ele e outros teólogos não afirmem abertamente que há dois Deuses como Marcião, eles reforçam a ideia de um único Deus amoroso, assim como Marcião fez. Harnack foi quem defendeu mais claramente para Marcião. No entanto, a ideia de deixar o Antigo Testamento de lado porque representa o Deus judeu da guerra não está apenas na teologia de Harnack ou Marcião. Michalson escreve que Bultmann descarta o Antigo Testamento quando afirma que o Antigo Testamento são promessas aos judeus e que tais promessas não fazem parte da história dos cristãos. Bultmann vê o Antigo Testamento como não pertencendo aos cristãos. (MICHALSON, 1963, p. 49) Surburg acrescenta dizendo que Bultmann, um contemporâneo de Harnack, acreditava que o Antigo Testamento deveria ser posto de lado, que era um produto de homens. Para Bultmann não houve santidade na história, nem nos eventos do Antigo Testamento, somente na salvação descrita apenas no Novo Testamento. E os estudiosos influenciados por Bultmann em seus ensaios acabam não considerando o Antigo Testamento relevante para os dias de hoje, absorvendo este pensamento da inferioridade do Antigo Testamento. (SURBURG, 1974, p. 04-13)

Friedrich Delitzsch (1850-1922), o filho do famoso comentarista bíblico do Antigo Testamento Franz Delitzsch (1813-1890), também seguiu Harnack em querer dispensar completamente o Antigo Testamento. Delitzsch acreditava que o Antigo Testamento estava cheio de contradições e descreveu um Deus impiedoso. O Deus do Antigo Testamento foi alguém que instigou o homicídio culposo, como ele pode



então ser o mesmo narrado no Novo Testamento? (GOSSAI, 1988, p. 152)

Uma publicação mais moderna de Markus Vinzent vê Tertuliano e Irineu, como intérpretes errôneos da teologia revolucionária de Marcião e torceu seus ensinamentos de cabeça para baixo. (VINZENT, 2011, p. 88) Vinzent vê Marcião como Harnack, aquele que estabeleceu o que conhecemos do cânon, de ortodoxia e igreja. No livro de Vinzent é Marcião quem promove a ideia de ressurreição pois esta estava desaparecendo no primeiro século. (VINZENT, 2011, p. 113-119) Outro estudioso que defendeu Marcião é Judith Lieu:

Marcião é sempre retratado através da polêmica através da pena daqueles que eram caracterizados como o padrão de cristianismo normativo ou ortodoxo... Polêmicas contra Marcião e contra seus seguidores começam a ser escritos no século II em grego e continuam até o século VII... os escritores polêmicos da época não estavam inclinados a checar suas fontes, eles não estavam inclinados a se preocupar com acusações liberais ou a garantir que fossem lógicos ou consistentes, eles não estavam inclinados a reconhecer sua ignorância se não tivessem informações precisas. Eles repetiam entusiasmamente o que as pessoas antes deles haviam dito e haviam escrito, muitas vezes sem citar suas fontes, certamente sem checá-las. (LIEU, 2013)³

Existem várias questões que podem ser apontadas em sua declaração. Uma é que os escritos polêmicos, como ela os chama, não foram feitos por aqueles que não checaram suas fontes, especificamente se analisarmos Tertuliano que notoriamente é um grande erudito e cita diretamente as crenças de Marcião e as refuta; além de ser aceito como um pai da igreja na história do Cristianismo. Segundo, a maioria dos Pais da igreja (que são geralmente aqueles a quem ela se refere) são filósofos reconhecidos e realmente organizaram seus pensamentos. Campenhausen afirma isto ao falar “Justino, Clemente de Alexandria veio ao cristianismo por meio da filosofia.” (CAMPENHAUSEN, 1959, p. 29)

A tentativa era simples: acomodar a Bíblia aos moldes da época. Quanto à fé, o argumento era que a fé é subjetiva e emocional, algo

³ Tradução livre e adaptada.



relacionado às emoções. (HAFEMANN, 2007, p. 39) A verdade é que muitos teólogos modernos, numa tentativa de não cair no liberalismo de seu tempo, giravam em uma descrição da teologia como “uma vida” ou “ética” na qual Jesus e o Evangelho eram a mensagem central, e a tradição era culpar a mensagem errada no mundo cristão. (DORRIEN, 2001, p. 24-27) Porém Hafemann diria que todas as tentativas de ver a fé como algo mental, ou emocional, passivo e privado, são refutadas pelo fato de que Deus exige da resposta humana e obediência aos Seus mandamentos.

Atualmente é possível ler livros que enfatizam grandemente o aspecto de amor na Bíblia e praticamente esquecem da existência do Antigo Testamento. Frases como *no Antigo Testamento era lei e no Novo Testamento é graça* implicam que no Antigo Testamento não havia espaço para misericórdia e amor enquanto que no Novo Testamento não há espaço para julgamento e justiça. O mais difícil é que a carência de estudo e compreensão do Antigo Testamento, a influência de teólogos liberais na formação acadêmica, juntamente com a falta de pregação dos púlpitos (ou má apropriação dos textos) do Antigo Testamento contribuiu para uma visão míope do caráter de Deus. Os extremos então surgem: ou um Deus legalista e sem misericórdia do Antigo Testamento ou um Deus paz e amor sem justiça no Novo Testamento. Nas palavras de Hays:

Muitas igrejas protestantes “convencionais” hoje são de fato ingenuamente Marcionitas em sua teologia e prática: em seus cultos de adoração não têm leitura do Antigo Testamento, ou se o Antigo Testamento é lido raramente é pregado. O judaísmo é considerado como uma folha legalista da qual [Yeshua] nos entregou. (Uma vez tive um aluno que me disse na aula: “O judaísmo era uma religião dura que ensinava as pessoas a temer o julgamento de Deus, mas Jesus veio para nos ensinar a amar a Deus com todo o nosso coração, alma e força.”). Este Marcionismo inconsciente teve um efeito desastroso na imaginação teológica de muitas igrejas protestantes, pelo menos nos Estados Unidos. (HAYS, 2014, p. 05)

Por que é importante expor isso? Bem, se Deus não pode julgar, assim como Marcião diz, e Harnack concorda com Marcião, não apenas se pode ter uma visão dicotômica do caráter de Deus, mas aqui é vista uma clara conexão com a teologia de Marcião. Um Deus que não julga é



aquele que Marcião identificaria com o Deus do Novo Testamento. E o Deus mau que julga é um Deus diferente, revelado aos judeus no Antigo Testamento - o Deus Demiurgo.⁴

As implicações de uma teologia marcionita são grandes, começando com a questão da canonicidade e continuidade das Escrituras. A igreja cristã no primeiro século viu o Antigo Testamento como um cumprimento histórico na história da salvação. Não só isso, mas a Igreja é a continuidade com a história de Israel; é o plano divino agir em todo o mundo. (BULTMANN, 1955, p. 122) O Antigo Testamento era considerado um livro que era uma profecia em si, não apenas um livro contendo alguns elementos proféticos relacionados a Jesus. (BULTMANN, 1963, p. 50)

A aceitação do Antigo Testamento pelos cristãos pode ser de alguma forma difícil por causa da tensão entre judeus e gentios na igreja primitiva. Como Douglas Moo observa, "Marcião na igreja antiga, Harnack mais recentemente - se livrou do problema essencialmente dispensando o Antigo Testamento do cânon cristão". (MOO, 2005, p. 181) Apesar de Harnack querer eliminar o Antigo Testamento da consideração no século XIX, como foi visto anteriormente, isso não seria fiel à igreja primitiva nem a Jesus. Primeiro, eles não tinham uma "bíblia" como é conhecida hoje. De fato, para eles, a Escritura era o Antigo Testamento. Eles formularam seu entendimento baseado no Antigo Testamento, especificamente para ver as continuidades entre o antigo e o novo Israel. (PELIKAN, 1989, p. 292-293)

Uma segunda implicação é invalidar o conceito da Trindade. Se o Deus do Antigo Testamento é diferente do Deus do Novo Testamento e possui atributos diferentes, a ideia de uma essência é desmantelada. Assim, quando se discute sobre quem é Deus, que são aspectos ontológicos, todas as três pessoas devem ser consideradas boas em seu caráter: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não existe um bom Pai e um Filho Maligno ou uma pessoa mais santa na Trindade. Nenhuma das três pessoas é superior às outras. Todas as três pessoas são verdadeiras - uma não pode ser verdadeira e a outra não é verdadeira. (AUGUSTINE, 2002, p. 04-06) Agostinho diz que um não é mais potente que o outro, nem tem mais sabedoria do que o outro. (AUGUSTINE, 2002b, p. 204)

⁴ Deus Demiurgo era o nome dado ao Deus do Antigo Testamento que era o criador das coisas físicas, ele era visto como mau e fonte do sofrimento humano por ter criado a matéria. O início desde pensamento tem origem gnóstica.



Então a discussão muda para o papel da economia da Trindade, isto é, os diferentes papéis da Trindade na história da humanidade e também no Universo. Pode uma pessoa da Trindade ser superior ao outro? Agostinho argumentará que ao se referir à economia da Trindade, todas as três pessoas estavam envolvidas na Criação, embora fosse um ato distintivo do Pai iniciar a criação, e um ato distinto do Filho de morrer pela salvação humana e um ato distintivo do Espírito Santo habitar entre os crentes. Todas as três pessoas estavam envolvidas, mas tinham papéis diferentes. Um ato não pode ser feito sem a outra pessoa. O Pai não pode salvar sem o Filho morrer na Cruz, e o Pai e o Filho não podem habitar nos cristãos sem o Espírito Santo; embora fazem papéis distintos.

É possível ao ler a Bíblia confundir a ordem (Pai, Filho e Espírito Santo) com superioridade ontológica. Entretanto o Pai não pode ser o Pai sem o Filho e o Espírito. (DEAN, 2013, p. 61) Em outras palavras, o Deus-Pai é mostrado como a cabeça da Trindade em relação à ordem, mas em essência (ontologicamente) eles, as pessoas da Trindade, são iguais. A teologia por trás disso é que a Trindade funciona de maneira diferente (economia). Não obstante, todas as pessoas na Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) fazem parte da criação e da história redentora, como afirma Agostinho. Paulo em 2 Coríntios 4:5-6 faz a conexão, atestando a unidade trinitária, dizendo que Jesus é o Senhor, e mais tarde identificando Jesus com Deus na declaração da criação: “Que a luz resplandeça das trevas” de Gênesis 1. Como Segal então conclui, para Paulo isso identifica Jesus como aquele que apareceu no deserto no Sinai (Êxodo 23-34) e em Ezequiel 1:26. (SEGAL, 1999, p. 73)

A pergunta que segue é se no Antigo Testamento o Deus-Pai estava agindo sozinho, e mais tarde no Novo Testamento quem estava agindo era o Deus-Filho, e agora na Igreja, o Deus-Espírito Santo. É possível que eles agissem de forma desconectada e tenham personalidades diferentes? Obviamente não. Como já foi visto acima, embora os papéis sejam distintos, eles agiram em perfeita harmonia. Há uma unidade em suas ações, uma dependência santa e unidade na Trindade; o que deve nos levar a compreender um plano unificado que começou no Antigo Testamento e continuou no Novo Testamento. Talvez possamos resumir o pensamento de Agostinho:

Em Deus, pois, quando o Filho que é igual se une ao Pai que lhe é igual, ou o Espírito Santo, que é também igual ao



Pai e ao Filho, Deus não se torna maior do que cada uma das pessoas, pois essa perfeição não lhe é acrescentada. Perfeito é o Pai, perfeito é o Filho, perfeito é o Espírito Santo; perfeito é Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Concluindo, Deus é Trindade, mas não tríplice, isto é, não são três deuses. (AGOSTINHO, 1995, p. 139)

Como diz o prólogo de João 1.3, “por meio dele [Jesus] todas as coisas foram feitas; sem ele nada foi feito.” Se a afirmação for ao contrário, o resultado disso serão três deuses e não trindade. Lembrando de que a Trindade estava agindo desde o Antigo Testamento.

A terceira consequência de adotar uma visão marcionita é esquecer a unidade da Bíblia sobre justiça e julgamento, amor e graça. Talvez a ira seja um daqueles aspectos das Escrituras que mais confundem os homens. A ira divina vem de seu senso de santidade, justiça e retidão. A ira de Deus nunca foi descrita no Antigo Testamento como algo irracional ou imprevisível, ou como uma explosão espontânea de loucura. Em vez disso, tinha um propósito, e a ira de Deus sempre foi motivada pela justiça pelo direito contra o errado. No final, a raiva e a misericórdia não são opostas, mas são complementares. (HESCHEL, 2001, p. 62-63) Como cristãos, não podemos desprezar a resposta de Deus ao mal neste mundo; seria de fato contrário à Sua natureza de amor. Deus se move contra a injustiça. Quando Deus age contra o mal, Ele também demonstra Sua bondade. Sem o seu julgamento sobre as más ações, a vida dos homens seria uma confusão total sem qualquer senso de justiça. (LACTANTIUS, 2015, cap. 16) E se até os homens possuem um senso de justiça, quanto mais Deus.

Não se pode criar um Deus amoroso no Novo Testamento e um Deus vingativo no Antigo Testamento e tentar escapar dos versos do Antigo Testamento (e Novo) do senso de justiça; tentando afirmar que tudo se passava de uma descrição judaica / farisaica de Deus e não uma correta visão de Ele realmente é. A verdade é que Deus não muda. Ao ler o Antigo Testamento, a ira é mais como um amor suspenso - como se a misericórdia e a compaixão de Deus estivessem esperando para voltar ao Seu povo que continuamente desobedeceu ao seu Senhor. (HESCHEL, 2001, p. 75)

Negar a unidade da justiça e do amor está contradizendo a crença trinitária de que Deus é o mesmo e tem as mesmas qualidades em todos os momentos. Clemente, ao escrever contra Marcião, argumenta que



Deus e Jesus são um (João 17) e que o Deus justo que também é bom decidiu revelar através de seu Filho o seu amor; no entanto, mostrou de fato o caráter do Pai que é amor. (OSBORN, 2005, p. 139) Portanto, Deus não é um Deus irado no Antigo Testamento e, de repente, somente amor no Novo Testamento. Da mesma forma, o Deus-Filho e o Deus-Espírito Santo faziam parte de todo evento no Antigo Testamento, eles são parte do Novo. Assim como há unidade nos Testamentos, há unidade nos aspectos ontológicos e econômicos da Trindade.

Negar a ira de Deus contra o pecado, os pecadores, a injustiça e os malfetores tirará o temor do Senhor, como afirma Lactâncio. (LACTANTIUS, 2015, cap. 12) Se os cristãos seguirem uma teologia moderna que tenta se concentrar apenas no Pai amoroso como Marcião fez, pode ser que resulte numa igreja irreverente, pelo menos, e negando os versículos da Bíblia nos quais Deus está zangado e promete juízo. É essencial ver que Deus castiga aqueles que violam a Sua lei. As consequências disso são: ter uma ideia superficial do que é a ira de Deus ou apenas ser hostil ao próprio pensamento de um Deus que pune. (HESCHEL, 2001, p. 85) E, finalmente, a cultura não verá a necessidade do arrependimento, pois Deus não julgará nem estará zangado contra os pecadores.

Pelo outro lado é de se surpreender que haja pouco conhecimento do oposto, isto é, amor no Antigo Testamento e ira no Novo Testamento. Spieckermann descreve de forma poética a palavra para amor אָהָב (ahav), e o substantivo hebraico חֶסֶד (hesed), usado para o amor inabalável, bondade, benignidade, para retratar o caráter de Deus ao lidar com os israelitas infiéis. Embora sua nação escolhida não tenha obedecido a seus mandamentos, Deus, nas horas mais críticas, está sempre disposto a perdoar, demonstrando Sua misericórdia para com Israel. Lê-se a palavra *hesed* חֶסֶד 245 vezes no Antigo Testamento. Destas, 127 estão nos Salmos, com 124 referindo-se ao amor de Deus que perdura. Nos escritos proféticos, vemos como Deus está determinado a manter seu amor, dada a traição de Israel em não amá-lo, indo atrás de outros deuses. (SPIECKERMANN, 2000, p. 309-318) O amor de Deus é quem Deus é. Todas as Suas ações são governadas por quem Ele é, e porque Ele é amor, as ações de Deus estão livres de todo impulso, contingência, confusão ou atos injustos. Suas ações são dignas porque Ele é digno. Sua aliança com os humanos é sustentada por causa



de seu amor. Ele está ligado à Sua natureza, que é amor. (BARTH, p. 384)

No Novo Testamento há vários elementos se referindo a julgamento e justiça. O próprio fato de Cristo ter vindo ao mundo era um julgamento contra o mal. E são nas palavras de Jesus que se encontra inúmeras referências ao inferno. O Evangelho de Mateus dedica grandes sessões para descrever a ira vindoura (3:10-12; 5:22; 7:19; 13:40-42, 49-50; 18:9; 22:13 e 25:30. O Jesus *hippie* (assim gosto de chamar o Jesus descrito pela cultura atual) de paz e amor vira um Deus de ira e vingança que condena ao inferno e ameaça seus ouvintes com ranger de dentes e fogo inextinguível. Um cenário totalmente oposto do Deus de Marcião e da cultura atual.

Por causa de espaço apresentam-se agora as conclusões desta pequena exposição de Marcião. A confusão de quem Deus é não é necessariamente um problema que ficou no primeiro e segundo século. A noção de um Deus irado no Antigo Testamento e um Deus bondoso no Novo é fruto da negligência do ensino integral da Bíblia. Por um lado, é esperado que haja certa dificuldade em compreender a linguagem do Antigo Testamento juntamente com a cultura da época. Porém, como foi visto acima, muito da confusão vem da rejeição ao Antigo Testamento e a tentativa de silenciá-lo como um “livro de judeus”. Infelizmente este pensamento surge no meio teológico cristão liberal e precisa ser combatido. Harnack foi o único teólogo analisado por enquanto, entretanto há outros mais modernos. Está na cultura atual pregar “graça” “amor incondicional” enquanto que temas mais polêmicos de justiça são deixados de lado, pois não enchem as igrejas.

De modo nenhum defende-se a condenação ou uma volta à lei (seria uma ótima discussão para a próxima vez falar de como a lei não foi invalidada, mas sim cumprida), nem usar tática de medo nos púlpitos. O propósito era retornar a uma visão sadia de quem Deus é e como Ele se revela de forma consistente nos testamentos. Deus não teve amnésia, nem mudou de caráter. Não há dois deuses, nem duas histórias, apenas a mesma: Deus está redimindo o mundo através da ação holística da Trindade pela história.

A igreja primitiva e a igreja subsequente não descartaram o Antigo Testamento. Estas conclusões vieram mais tarde com a teologia moderna (iniciada pelo pai da moderna teologia Schleiermacher) que ressuscitou o pensamento marcionita. (SURBURG, 1974, p. 03) A pergunta que fica é:



por que a teologia moderna e a de Marcião se declaram superiores e mais esclarecedores que os ensinamentos dos pais apostólicos que usaram o Antigo Testamento para fundamentar a fé Cristã:⁵

REFERÊNCIAS

- AUGUSTINE, *Augustine: On the Trinity* ed. Gareth B. Matthews (Cambridge: Cambridge University Press, 2002).
- AUGUSTINE, *The Trinity*, Book Six, ed. Stephen McKenna (Washington, DC: Catholic University of America Press, 2002).
- AGOSTINHO, *Patrística*, vol. 7, *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995.
- BARTH, Karl. *Church Dogmatics, Vol. 2:1, The Doctrine of God*. Edinburgh: T. & T. Clark, 2004.
- BULTMANN, Rudolf. *Theology of the New Testament*, Vol. 2 trans. Kendrick Grobe (New York: Charles Scribner's Son, 1955).
- BULTMANN, Rudolf. "Prophecy and Fulfillment" in *Essays on Old Testament Hermeneutics*, ed. Claus Westermann (Richmond, Virginia: John Knox Press, 1963).
- von CAMPENHAUSEN, Hans. *Fathers of the Greek Church*, trans. Stanley Godman. New York: Pantheon, 1959.
- CARSON, D. A.; BEAL, Gregory. *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

⁵ Recomendo a leitura de Richard B. Hays, *Echoes of Scripture in the Letters of Paul* (New Haven: Yale University Press, 1989). Isso mostra claramente como Paulo usou o Antigo Testamento não apenas para construir um argumento para provar que o cristianismo era tão antigo quanto a fé judaica, mas para mostrar claramente sua continuidade. Veja também D.A Carson and Gregory Beal, *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007). Eu acredito que existem grandes escritos cristãos que apoiam a relevância do Antigo Testamento, mas o problema que vejo é quando a influência do pensamento moderno varreu a mente das pessoas e as fez acreditar que o Antigo Testamento era desnecessário. O difícil agora é reverter isso. O objetivo desta tese é, de fato, ajudar a mostrar que o problema é antigo, mas continua se arrastando através de diferentes nomes, roupas, teologias..



Dean, Benjamin. "Person and Being: Conversation with T.F. Torrance about the Monarchy of God," in *International Journal of Systematic Theology* 15, no. 1 (January 2013): 61, accessed March 30, 2017. <http://dx.doi.org/10.1111/ijst.2013.15.issue-1>.

DORRIEN, Gary J. *The Making of American Liberal Theology*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

GOSSAI, Hemchand. "The Old Testament: A Heresy Continued?" *Word & World* 3, no. 2 (1988), accessed August 08, 2017, http://wordandworld.luthersem.edu/issues.aspx?article_id=366.

HAFEMANN, Scott J. "The Covenant Relationship," in *Central Themes in Biblical Theology: Mapping Unity in Diversity*. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

von HARNACK, Adolf. *Marcião: The Gospel of the Alien God*, (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2007).

von HARNACK, Adolf. *History of Dogma Vols. 1-4* (Eugene, Or: Wipf & Stock Publishers, 1997).

von HARNACK, Adolf. *The Atonement in Modern Religious Thought: A Theological Symposium*, 123.

HAYS, Richard B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul* (New Haven: Yale University Press, 1989).

HAYS, Richard B. *Reading Backwards: Figural Christology and the Fourfold Gospel Witness*. Waco: Baylor University, 2014.

HESCHEL, Abraham J. *The Prophets*. New York: Harper Perennial, 2001.

IRENÆUS. *Ante-Nicene Fathers: The Writings of the Fathers Down to A.D. 325. Vol. 1. Against Heresies*, ed. ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland, and MENZIES, Allan. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

LACTANTIUS, *On the Anger of God, Adressed to Donatus*. ROBERTS, Alexander; DONALDSON, Sir James (eds). Charleston: CreateSpace, 2015.



LIEU, Judith. “Marcião and the Corruption of the Gospel,” video, 01:40, October 14, 2013, <https://www.youtube.com/watch?v=HBy4885ec1w>

MICHALSON, Carl. “Bultmann against Marcião,” ed. Bernhard W. Anderson, in *The Old Testament and Christian Faith* (New York: Harper & Row, 1963), 49. Though in the article Michalson does not associate Bultmann with Marcião because Bultmann still saw the historical value of the Old Testament.

MOLL, Sebastian. *At the Left Hand of Christ: The Arch-Heretic Marcião*. The University of Edinburgh, 2009.

MOO, Douglas F. “The Problem of Sensus Plenior,” in *Hermeneutics, Authority, and Canon*, ed. CARSON, D A.; WOODBRIDGE, John D. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2005.

OSBORN, Eric Francis. *Clement of Alexandria* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005)

PELIKAN, Jaroslav. *The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine*, vol. 1, *the Emergence of the Catholic Tradition (100-600)* (Chicago: University of Chicago Press, 1989.

QUISPTEL, Gilles. *Nag Hammadi and Manichaean Studies*, ed. J. van Oort, vol. 55, *Gnostica, Judaica, Catholica: Collected Essays of Gilles Quispel*. Leiden: Brill, 2008.

SEGAL, Alan F. “Two Powers in Heaven and Early Christian Trinitarian Thinking,” In *The Trinity: An Interdisciplinary Symposium On the Trinity*, ed. Stephen Davis T., Daniel Kendall, and Gerald O’Collins, 73, Oxford: Oxford University Press, 1999.

SPIECKERMANN, “God’s steadfast love,” 309-318.

SURBURG, Raymond F. “The New Hermeneutic Versus the Old Hermeneutics in New Testament Interpretation,” *The Springfielder* 38, no.1 January, 1974.

VINZENT, Markus. *Christ’s Resurrection in Early Christianity: And the Making of the New Testament* (Farnham, England: Ashgate, 2011).



SEGAL, Alan F. "Two Powers in Heaven and Early Christian Trinitarian Thinking," In *The Trinity: An Interdisciplinary Symposium On the Trinity*, ed. Stephen Davis T., Daniel Kendall, and Gerald O'Collins, 73, Oxford: Oxford University Press, 1999.

